

SUBJETIVIDADES DA RELAÇÃO DE MESTRANDOS E DOUTORANDOS EM ADMINISTRAÇÃO COM A SUA TAREFA: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA DIALÉTICA “PRAZER E SOFRIMENTO”

CAMILA CRISTINA RODRIGUES SALGADO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
adm.camilarodrigues@hotmail.com

RENAN FELINTO DE FARIAS AIRES

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
renanffa@hotmail.com

FERNANDA JULYANNA SILVA DOS SANTOS

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
fernandajusa@gmail.com

ÁREA TEMÁTICA: GESTÃO DE PESSOAS

SUBJETIVIDADES DA RELAÇÃO DE MESTRANDOS E DOUTORANDOS EM ADMINISTRAÇÃO COM A SUA TAREFA: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA DIALÉTICA “PRAZER E SOFRIMENTO”

RESUMO

O trabalho dentro da sociedade se apresenta como um elemento fundamental por meio do qual o homem produz e sobrevive, mas também se realiza e se estrutura psiquicamente. Essa relação é permeada pela subjetividade individual e coletiva que este trabalho apresenta, podendo resultar em prazer e/ou sofrimento, objeto de estudo da psicodinâmica do trabalho. Dessa forma, considerando a lacuna existente quanto à exploração da dialética prazer-sofrimento no cenário acadêmico, este estudo objetivou compreender a subjetividade da relação de prazer e sofrimento de mestrandos e doutorandos em Administração em suas tarefas. Para isso, este estudo de caso, de caráter descritivo, realizou entrevistas focalizadas com mestrandos e doutorandos, posteriormente codificadas e analisadas qualitativamente por meio de análise de conteúdo e com a utilização do *software* Nvivo® 10. Como resultados, observou-se que os mestrandos apontaram o sentimento de desprazer como principal fonte de sofrimento e o crescimento profissional como principal fonte de prazer. Os doutorandos, por sua vez, também apontaram o sentimento de desprazer como principal fonte de sofrimento, porém o relacionamento interpessoal no trabalho se destacou como principal fonte de prazer.

Palavras-Chaves: Psicodinâmica do trabalho; Dialética prazer-sofrimento; Mestrado e Doutorado.

ABSTRACT

The work within society presents itself as a fundamental element through which man produces and survives, but also takes place and is structured psychically. This relationship is permeated by individual and collective subjectivity that this work presents and may result in pleasure and / or suffering, object of study of the psychodynamics of work. Thus, considering the gap on the exploration of dialectic pleasure-suffering in the academic setting, this study aimed to understand the subjectivity of pleasure ratio and suffering of masters and doctoral students in administration in their tasks. For this, this case study, descriptive, conducted focus interviews with masters and doctoral students, then were coded and analyzed qualitatively through content analysis and with the use of software Nvivo® 10. As a result, it was observed that the master students showed the feeling of displeasure as the main source of suffering and professional growth as the main source of pleasure. Doctoral students, in turn, also noted the feeling of displeasure as the main source of suffering, but interpersonal relationships at work stood out as the main source of pleasure.

Keywords: Psychodynamics of work; Pleasure-suffering dialectic; Master and Doctoral Degree.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho dentro da sociedade se apresenta como um elemento fundamental por meio do qual o homem produz e sobrevive, mas também se realiza e se estrutura psiquicamente. Essa relação é permeada pela subjetividade individual e coletiva que este trabalho apresenta, podendo resultar em prazer e/ou sofrimento, objeto de estudo da psicodinâmica do trabalho. Isto porque o trabalho transita em território ambivalente, uma vez que tanto pode dar origem a processos de alienação ou descompensação psíquica como também pode ser fonte de saúde e instrumento de emancipação (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

A preocupação dos efeitos do desempenho do trabalho sobre o sujeito e a geração de prazer ou sofrimento não é tema novo dentro da literatura. Nesse sentido, a psicodinâmica do trabalho tem sido aplicada em diversas áreas com o intuito de compreender a dialética prazer-sofrimento. Destacam-se os trabalhos desenvolvidos na área de música (ASSIS; MACEDO, 2008), de atendimento ao público (FERREIRA; MENDES, 2001), da segurança penitenciária (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013) e da saúde (KESSLER; KRUG, 2012; MARTINS; ROBAZZI; BOBROFF, 2010; SOUZA; FERREIRA, 2010).

Ainda sobre isso, podem-se citar também os estudos na área da educação, como o de Bottega e Merlo (2010), com educadores sociais, e o de Silva (2011), com professores. Além desses, destaca-se também o estudo de Bispo e Helal (2013), que realizaram um estudo com acadêmicos de uma pós-graduação em nível de mestrado sobre o prazer e sofrimento na execução das suas tarefas, um tema ainda pouco debatido.

Nesse contexto, considerando a lacuna existente quanto à exploração da dialética prazer-sofrimento no cenário acadêmico, e sabendo-se que ainda não há estudos que buscam entender como a subjetividade da relação prazer e sofrimento diferem e/ou assemelham entre mestrandos e doutorandos na execução de suas tarefas, o presente estudo se propõe a responder a seguinte questão: como se dá a subjetividade da relação de prazer e sofrimento de mestrandos e doutorandos no desempenho de suas tarefas?

Cabe destacar que a tarefa desenvolvida por mestrandos e doutorandos é aqui entendida como o trabalho desenvolvido por eles, ou seja, uma atividade que implica o saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações (DEJOURS, 2004).

Logo, este trabalho tem como objetivo compreender a subjetividade da relação de prazer e sofrimento de mestrandos e doutorandos em Administração em suas tarefas. Para tanto, o artigo está estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar discute sobre a subjetividade no trabalho; depois aborda a psicodinâmica do trabalho, tecendo breves considerações acerca do tema; em seguida discute sobre a dialética do prazer e sofrimento, esmiuçando seus aspectos principais; depois são apresentados, respectivamente, os aspectos metodológicos e a análise de resultados; e finalmente, tece as considerações finais, apontando os principais achados do estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SUBJETIVIDADE E TRABALHO

A subjetividade, apesar de bastante difundida na área da psicologia, é um conceito que não apresenta um consenso a respeito de seu significado. Considerando os aspectos referentes apenas ao sujeito, Martins e Prado Filho (2007) narram a subjetividade como uma produção de forças que atravessam o sujeito. Por sua vez, Sznclwar *et al.*, (2011) a consideram como um conjunto de fenômenos psíquico e de consciência que o sujeito relaciona consigo.

Ademais, Ramminger e Nardi (2008) analisam a subjetividade como uma experiência de ‘ser sujeitos’, assim, ao mesmo tempo em que esse ser é submetido a uma ação ele também realiza uma ação dentro de um tempo e de um contexto, carregando um conceito individual e social. Para os autores, o trabalho deve ser analisado considerando a maneira como os sujeitos vivenciam e dão sentido às suas experiências de trabalho, apontando que conforme o contexto social, histórico e econômico, há diferentes processos de produção de subjetividade.

Diante do exposto, considera-se que o sujeito interpreta sua realidade de trabalho, reagindo física, mental e afetivamente, assim como a realidade também produz alterações no sujeito, resultando em um processo no qual a realidade psíquica e a realidade de trabalho constituem a subjetividade desse trabalhador, sendo esta tratada como construção articulada entre o psíquico e o social (ANTLOGA; MENDES, 2009).

Nesse contexto, para a subjetividade, trabalhar constitui uma provação que a transforma, ou em outras palavras, trabalhar não é somente produzir, mas é também transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar (DEJOURS, 2004).

O trabalho, por sua vez, tem sido caracterizado de diferentes formas. Historicamente, o início de sua conceituação é marcado pela dissociação da relação com o desenvolvimento de afetos, tendo o foco direcionado unicamente a capacidade de trabalhar do indivíduo (SZNELWAR *et al.*, 2011). Significou, ainda, um fardo ou sacrifício, e com o advento do Renascimento passou a ser entendido como um fonte de identidade e auto-realização humana, passando a ser visto como fonte de desenvolvimento e fonte de liberdade (LANCMA; UCHIDA, 2003; SOUZA; RIBEIRO, 2009). Ainda nesse sentido, Ribeiro e Léda (2004) colocam o trabalho como um meio pelo qual o homem supre suas necessidades, alcançam objetivos e se realiza.

Para Dejours (2004) trabalhar é se engajar pessoalmente para responder a uma tarefa desenhada por pressões de cunho material e social, o que indica que o trabalho tem importância tanto na vida material quanto social. Nesta perspectiva, Sznelwar *et al.* (2011) propõem que o trabalho seja abordado a partir de como os sujeitos constroem e vivenciam o seu trabalho, possibilitando assim um enriquecimento das diferentes representações sociais sobre o mesmo.

Veronese (2009) destaca que a abordagem teórica entre a subjetividade e o trabalho torna-se relevante à medida que o trabalho desempenha um papel importante sobre os processos de constituição das identidades. Para a autora, a maneira como cada pessoa atribui significado e sentido a sua relação com o trabalho se dá de forma singular, porém considerando o registro coletivo.

De forma geral, o trabalho pode assumir diversos sentidos, podendo ser assumido como um modo peculiar e singular de produzir, de realizar-se, de sobreviver e de estruturar-se psiquicamente; sentidos estes que são atribuídos com base na relação que o trabalhador estabelece com os modos da organização do trabalho, que podem oferecer condições e oportunidades específicas (ANTLOGA; MENDES, 2009).

As questões referentes à relação entre o sujeito, subjetividade e trabalho são abordados dentro da teoria da psicodinâmica do trabalho que pode ser definida como a análise dos processos intersubjetivos mobilizados pela situação do trabalho (SZNELWAR *et al.*, 2011). Na seção 2.2 é feita uma discussão sobre esta teoria.

2.2 PSICODINÂMICA DO TRABALHO

A psicodinâmica do trabalho, teoria consolidada a partir das pesquisas de Christophe Dejours, compreende o ser humano no trabalho, na sua relação com os outros indivíduos e com a coletividade, partindo do pressuposto de que o trabalho se situa como um operador

fundamental de construção do próprio sujeito, fazendo a mediação entre inconsciente e campo social (GOMES; OLIVEIRA, 2013). Assim, esta abordagem visa ao coletivo e não aos indivíduos isoladamente, pois considera que não existe um sujeito isolado; ele existe e se constitui numa relação intersubjetiva na qual o trabalho é elemento indissociável (MERLO; MENDES, 2009; SZNELWAR; LANCMAN, 2011).

Ainda sobre esta abordagem, Antloga e Mendes (2009) fazem uma distinção entre três fases distintas pelas quais a psicodinâmica passou, são elas: a) a primeira contempla os trabalhos desenvolvidos na década de 80, fundamentados no estudo do sofrimento psíquico, bem como sua origem e transformações resultantes do confronto entre psiquismo do trabalhador e organização do trabalho; b) a segunda fase, que permanece até o início da década de 90, inicia a abordagem do prazer no trabalho e, conseqüentemente, tem-se um direcionamento para a saúde; e c) o desenvolvimento da terceira etapa acontece mediante o enfoque no trabalho como *locus* de construção da identidade do trabalhador, explorando também a dinâmica do reconhecimento e as vivências de prazer e sofrimento frente às novas estruturas de organização do trabalho.

Percebe-se então que a psicodinâmica do trabalho tem aprofundado, há mais de três décadas, o papel do trabalho na relação saúde-adoecimento a partir da análise dinâmica do cotidiano do trabalho, fundamentada no pressuposto de que ele exerce a função de mediador estruturante do psiquismo humano, já que permite ao trabalhador a consolidação da sua identidade, seja pelo reconhecimento social seja pela retribuição simbólica do engajamento no trabalho (SANTOS JÚNIOR; MENDES; ARAUJO, 2009). Assim, o trabalho revela-se como estruturador psíquico dos sujeitos (TORRES; ABRAHÃO, 2006).

Considerando que a psicodinâmica do trabalho tem por objeto os processos intersubjetivos que tornam possível a gestão social das interpretações do trabalho pelos indivíduos, sua análise sugere que a retribuição esperada pelo indivíduo seja fundamentalmente de natureza simbólica, ou seja, reconhecimento da realidade que representa a contribuição individual, no sentido de gratidão (ASSIS; MACEDO, 2008).

De forma geral, o trabalhar, para a psicodinâmica, pressupõe que o trabalhador engaje sua personalidade para dar resposta a uma tarefa prescrita e formatada por pressões materiais e sociais, mobilizando a sua subjetividade em prol do alcance das metas impostas (SANTOS JÚNIOR; MENDES; ARAUJO, 2009).

Nesse contexto, abre-se espaço para a introdução da discussão sobre a dialética do prazer-sofrimento, que representa uma vivência subjetiva do trabalhador, compartilhada coletivamente e influenciada pela atividade de trabalho (FERREIRA; MENDES, 2001), e que é o foco central do presente estudo, recebendo maior atenção na seção 2.3.

2.3 PRAZER E SOFRIMENTO

Segundo Antloga e Mendes (2009), no modelo teórico da psicodinâmica do trabalho, todo trabalho pressupõe uma carga psíquica, resultado da confrontação do desejo do trabalhador com a realidade da organização do trabalho, assim como da pressão atribuída pela organização do trabalho ao aparelho psíquico do trabalhador. Desta forma, ainda de acordo com os autores, quando o trabalho permite a redução da carga psíquica e um funcionamento livre do psiquismo, ele se torna fonte de gratificação, dando origem ao prazer, enquanto que quando o trabalho não oferece espaço para articulações entre os desejos do trabalhador e a realidade, este resulta em acúmulo ou bloqueio da energia psíquica, sendo uma fonte de tensão e sofrimento.

Portanto, nessa perspectiva, todo o trabalho veicula implicitamente um custo humano que se expressa sob a forma de carga de trabalho, e as vivências de prazer-sofrimento têm

como um dos resultantes o confronto do sujeito com essa carga que, por conseguinte, impacta no seu bem-estar psíquico (FERREIRA; MENDES, 2001).

Em se tratando do sofrimento, tem-se que este emerge dos conflitos entre os indivíduos e a organização do trabalho, ou seja, surge quando o rearranjo da organização do trabalho não é mais viável, quando os trabalhadores esgotam suas possibilidades de adaptação espontânea do trabalho às suas características individuais, o que faz com que a energia pulsional que encontrava descarga no trabalho passe a se acumular no aparelho psíquico e provoque sentimentos de desprazer e tensão (TORRES; ABRAHÃO, 2006).

Para Schiedel e Monteiro (2013), o sofrimento no trabalho é inevitável, pois coloca o sujeito na presença do inesperado, podendo gerar uma sensação de fracasso e incapacidade. Assim, o trabalhador ao se deparar com a realidade do trabalho, que lhe impõe um contexto no qual os procedimentos aparecem como insuficientes para sua realização, passa a vivenciar sofrimento e começa a produzir soluções que lhe permitam dar conta das tarefas prescritas (SANTOS JÚNIOR; MENDES; ARAUJO, 2009). Em síntese, as vivências de sofrimento aparecem associadas à: divisão e à padronização de tarefas com subutilização do potencial técnico e da criatividade, rigidez hierárquica, excesso de procedimentos burocráticos, centralização de informações, falta de participação nas decisões, não-reconhecimento, pouca perspectiva de crescimento profissional, etc (FERREIRA; MENDES, 2001).

Contudo, é importante destacar que o sofrimento não tem uma manifestação única para todos os indivíduos, ou em outras palavras, o que o sofrimento é para um, não é necessariamente para outro, mesmo quando submetidos às mesmas condições ambientais adversas (BRANT; MINAYO-GOMEZ, 2004; ASSIS; MACEDO, 2008).

Por outro lado, o trabalho pode ser fonte de prazer ao possibilitar a aplicação da inteligência e, ainda, quando se reconhece a importância da mesma para a organização laboral (SCHIEDEL; MONTEIRO, 2013). Ainda neste sentido, quando existe uma predominância da compatibilidade entre tarefa prescrita e atividade real, ou uma flexibilidade na organização do trabalho que permita a negociação ou ajustamento do sujeito às condições adversas da situação, têm lugar vivências de prazer (FERREIRA; MENDES, 2001).

Ademais, o prazer é vivenciado quando são experimentados sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho, em que por valorização tem-se o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, sendo importante e significativo para a organização e a sociedade; e por reconhecimento entende-se o sentimento de aceitação e admiração no trabalho, bem como a liberdade para expressar a individualidade (MENDES; TAMAYO, 2001). Esta dinâmica constitui a realização pessoal no campo social, que ganha um lugar junto à construção da identidade (ASSIS; MACEDO, 2008).

Percebe-se, diante do exposto, que a dialética prazer-sofrimento é um construto originado das mediações utilizadas pelos trabalhadores para manter a saúde, evitando o sofrimento e buscando alternativas para obter prazer (FERREIRA; MENDES, 2001). O Quadro 1 apresenta uma breve síntese sobre os principais constructos teóricos sobre o prazer e o sofrimento.

Quadro 1 - Principais constructos teóricos sobre o prazer e o sofrimento

| Constructo Teórico | Conceitos Chaves | Principais Autores |
|---|--|--|
| Prazer | Possibilita a aplicação da inteligência | Tschiedel e Monteiro (2013); Ferreira e Mendes (2001); Mendes e Tamayo (2001); Assis e Macedo (2008); Souza e Ferreira (2010); Bottega e Merlo (2010); Kessler e Krug (2012) |
| | Recompensa financeira | |
| | Identificação com o Trabalho | |
| | Desenvolvimento/Crescimento profissional | |
| | Reconhece-se a importância da inteligência para a organização laboral | |
| | Vivências de prazer decorrente da flexibilidade na organização do trabalho que permita a negociação ou ajustamento do sujeito às condições adversas da situação. | |
| | Relacionamento Interpessoal no trabalho | |
| | Superação de desafios | |
| | Sentimento de valorização | |
| | Reconhecimento no trabalho | |
| Sofrimento | Conflitos entre os indivíduos e a organização do trabalho | Antloga e Mendes (2009); Ferreira e Mendes (2001); Santos Júnior, Mendes e Araujo (2009); Brant e Minayo-Gomez (2004); Assis e Macedo (2008); Torres e Abrahão (2006); Tschiedel e Monteiro (2013); Bottega e Merlo (2010); Kessler e Krug (2012); Souza e Ferreira (2010); Bispo e Helal (2013) |
| | Sentimento de desprazer | |
| | Sobrecarga de trabalho | |
| | Sentimento de tensão | |
| | Sensação de fracasso | |
| | Sensação de incapacidade | |
| | Subutilização do potencial técnico e da criatividade | |
| | Adoecimento | |
| | Rigidez hierárquica | |
| | Limitação de recursos e de espaço | |
| | Excesso de procedimentos burocráticos | |
| | Centralização de informações | |
| | Falta de participação nas decisões | |
| | Estratégias defensivas | |
| Não reconhecimento | | |
| Pouca perspectiva de crescimento profissional | | |

Fonte: Elaborado pelos autores

Finalmente, vale destacar, como já inferido na introdução, as principais áreas de aplicação de trabalhos relacionados à dialética prazer-sofrimento. Portanto, o Quadro 2 apresenta uma síntese desses trabalhos.

Quadro 2 - Principais áreas de aplicação dos trabalhos sobre prazer e sofrimento

| Aplicação | Autores |
|---|-----------------------------------|
| Agentes de segurança penitenciária | Tschiedel e Monteiro (2013) |
| Agentes de limpeza pública | Gomes e Oliveira (2013) |
| Vendedores de uma empresa de material de construção | Antloga e Mendes (2009) |
| Componentes de uma banda de Blues | Assis e Macedo (2008) |
| Funcionários de atendimento ao público | Ferreira e Mendes (2001) |
| Atividade de teleatendimento | Torres e Abrahão (2006) |
| Empresa de abastecimento e saneamento | Mendes e Tamayo (2001) |
| Trabalhadores de enfermagem | Kessler e Krug (2012) |
| Trabalhadores de enfermagem | Martins, Robazzi e Bobroff (2010) |
| Profissionais de saúde | Souza e Ferreira (2010) |
| Educadores sociais | Bottega e Merlo (2010) |
| Professores | Silva (2011) |
| Mestrandos em Administração | Bispo e Helal (2013) |

Fonte: Elaborado pelos autores

Logo, como já apontado anteriormente, percebe-se a grande difusão dos estudos com essa temática e também sua vasta aplicação. No entanto, observa-se que há ainda uma

escassez de estudos voltados para a área de educação, principalmente relacionada a pós-graduação. Além disso, quando levado em consideração o problema específico que este estudo se propõe a analisar, qual seja, compreender a subjetividade da relação de prazer e sofrimento de mestrandos e doutorandos em Administração em suas tarefas, percebe-se ainda mais a relevância do mesmo.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a subjetividade da relação de prazer e sofrimento de mestrandos e doutorandos em Administração em suas tarefas. Desse modo, tem-se que esta investigação é classificada como descritiva, pois teve como principal objetivo a descrição de algo (MALHOTRA, 2006), e possui delineamento de estudo de caso, por se tratar de uma investigação empírica que pode ser utilizada para descrever uma situação no seu contexto, procurando respostas a perguntas do tipo “como” e “por que” (YIN, 2005).

Os dados foram coletados pessoalmente, através de entrevistas, armazenadas em um gravador de voz, com discentes de mestrado e doutorado de um curso de Administração de uma instituição de ensino localizada em Natal/RN. A técnica utilizada para coleta de dados foi a entrevista focalizada, na qual estímulos visuais são apresentados para estudar o impacto desses estímulos sobre o entrevistado, a partir de um guia de entrevistas (FLICK, 2009). No caso do presente estudo, foram utilizadas quatro imagens como estímulos visuais que, por motivos de resolução, foram disponibilizadas pelos autores no seguinte [link](https://goo.gl/iAIR6A): <https://goo.gl/iAIR6A>.

Após a definição das imagens e das questões direcionadoras, foi realizado um pré-teste, com duração de 25 minutos, como forma de analisar os instrumentos selecionados. Após essa etapa, foram realizados ajustes e precederam-se as entrevistas. Foram realizadas quatro entrevistas, sendo duas com estudantes de mestrado e duas com estudantes de doutorado, com o intuito de comparar, por nível acadêmico, a relação entre prazer e sofrimento dos discentes no exercício de suas tarefas. O Quadro 3 apresenta o detalhamento acerca das características do entrevistado, da duração, do meio e da quantidade de páginas de cada entrevista.

Quadro 3 - Detalhamento das entrevistas realizadas

| Entrevistado | Sexo | Idade | Duração da Entrevista | Meio | Quantidade de Páginas |
|--------------|-----------|-------|-----------------------|------------|-----------------------|
| M1 | Feminino | 23 | 20 minutos | Presencial | 7 |
| M2 | Masculino | 28 | 18 minutos | Presencial | 5 |
| D1 | Masculino | 24 | 21 minutos | Presencial | 5 |
| D2 | Masculino | 33 | 25 minutos | Presencial | 7 |

Fonte: Dados da pesquisa

Para análise do material, foi utilizado o *software* de apoio à análise qualitativa Nvivo® 10. A utilização de *softwares* de análise de dados proporciona ao pesquisador uma forma estruturada de administrar aspectos da análise qualitativa, mudando não somente como os dados qualitativos são coletados, como também possibilitando novas formas de analisá-los (GIBBS, 2009).

A análise dos dados foi feita de forma qualitativa, que segundo Merriam (2002), tem como objetivo descobrir e compreender um fenômeno, um processo, ou as perspectivas e visão de mundo das pessoas nele envolvidas, ou, como defende Malhotra (2006), objetiva proporcionar uma melhor visão e compreensão do contexto de um problema. Como método de interpretação dos dados foi utilizado a análise de conteúdo, organizada em três fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e 3) o tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011). Em síntese, na pré-análise foi realizada a leitura e

aprofundamento dos aspectos teóricos relacionados à pesquisa, na exploração do material foram realizadas as codificações das entrevistas e na fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, realizou-se uma análise comparativa (GIBBS, 2009), realizando por meio de comparações relacionadas principalmente ao tipo de curso dos entrevistados (mestrado e doutorado).

Sobre o procedimento de codificação utilizado na fase de exploração do material, tem-se que foi adotada a codificação baseada em conceitos que, segundo Gibbs (2009), é aquela em que os códigos ou conceitos podem vir da literatura, de entrevistas, de percepções sobre o que está acontecendo, dentre outros. Nesse sentido, foram realizadas três rodadas de codificação, visando extrair e definir da melhor forma o número de referências para cada código. Logo, foram encontradas, ao final de todas as rodadas, 82 referências, em que os estudantes de mestrado somaram 33 referências e os estudantes de doutorado somaram 49 referências. Por fim, em relação à ética na pesquisa, foram adotados nomes fictícios para cada um dos entrevistados (mestrandos identificados como M1 e M2 e doutorandos como D1 e D2), preservando a identidade dos mesmos. No ato da entrevista, foi entregue um termo de consentimento escrito, informando aos entrevistados que se tratava de uma pesquisa de cunho acadêmico, na qual o anonimato seria mantido, conforme sugerido por Gibbs (2009). Ademais, o termo solicitou a autorização dos entrevistados para a utilização da entrevista para fins de pesquisa. Destaca-se que além do termo escrito, no ato da entrevista também foi ressaltada sua confidencialidade.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a melhor compreensão dos resultados obtidos neste estudo, optou-se por dividir o capítulo de resultados em duas seções, quais sejam: 4.1 Análise geral dos resultados; e 4.2 Análise comparativa entre mestrandos e doutorandos. Na primeira seção são apresentados os resultados de forma holística, sendo estes analisados e contrastados com a literatura da área. A segunda seção trata da análise comparativa específica entre dados dos mestrandos e doutorandos, apresentando as semelhanças e diferenças entre eles.

4.1 ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS

Nesta primeira seção, os resultados obtidos com as entrevistas foram condensados e analisados de forma unificada, promovendo a comparação com demais estudos da área. Logo, os mestrandos e doutorandos relataram um total de sete códigos de sofrimento e seis de prazer. Levando em consideração o Quadro 1 anteriormente apresentado, que detalha os códigos levantados teoricamente e utilizadas neste estudo, tem-se que dos 26 códigos identificados na teoria (16 de sofrimento e 10 de prazer), 11 destes afetaram os entrevistados. Vale destacar que outros dois códigos citados emergiram dos dados da pesquisa (dificuldade financeira e crescimento intelectual).

Em termos gerais, pode-se inferir que os códigos de sobrecarga de trabalho e sentimento de desprazer foram os mais citados em relação ao sofrimento, enquanto que os códigos de reconhecimento do trabalho e de relacionamento interpessoal no trabalho foram os mais citados em relação ao prazer. Sobre esses resultados, tem-se que o código de sobrecarga do trabalho está atrelado a questão da realização de muitas tarefas simultaneamente. Sobre isso, tem-se a fala de um dos entrevistados:

“Eu acho que essa parte de ficar até tarde estudando de madrugada ou então de acordar muito cedo, de renunciar algumas coisas, porque você tem que renunciar, você não vai conseguir fazer tudo ao mesmo tempo [...] Renunciar a família, seus amigos. É [...] os seus próprios hobbies, as próprias coisas que você gosta de fazer,

porque você não tem tempo. Porque você tem que estudar até tarde porque o orientador tá me cobrando aquilo ou chegou um e-mail da revista que eu tenho que mandar essa comunicação ou então cumprir um prazo” [M1].

A sobrecarga de trabalho também foi apontada como um sofrimento para agentes de segurança penitenciária, conforme estudo de Tschiedel e Monteiro (2013). Os autores constataram que muitos dos agentes tinham que trabalhar em dupla carga horária, em virtude de necessidades financeiras, por exemplo. Já em relação aos sentimentos de desprazer, os entrevistados citaram vários fatores que os levam a esse sentimento, a exemplo de realização de tarefas que não eram de sua área, estudar em feriados e finais de semana, o que acabava gerando um distanciamento de sua família, e o medo. Sobre este último, em especial, tem-se o seguinte trecho:

“O medo de não conseguir é outro fator de sofrimento. Medo da reprovação, medo de [...] após afastamento [...] se eu for reprovado [...] se eu não conseguir terminar o doutorado [...] ter que restituir os valores mensais do meu trabalho pra União [...]” [D2]

Alguns outros autores apontaram este mesmo fator de sofrimento em seus estudos, a exemplo de Antloga e Mendes (2009), que observaram o medo de errar, de emitir opiniões, da “fofoca” de colegas ou até mesmo ser demitido entre vendedores de uma empresa de material de construção. Numa análise mais próxima a apresentada no presente estudo, Bispo e Helal (2013) apontaram que mestrandos em administração desenvolveram esse sentimento muito em virtude das pressões da academia sobre os alunos, ressaltando inclusive que isto decorre da forma como se encontra a pós-graduação no Brasil, cujo sistema de avaliação é centrado no produtivismo.

Além desses dois principais códigos citados sobre sofrimento com maior frequência, cabe ainda destacar outro importante código, o não reconhecimento. Segundo Dejours (1999), a dinâmica do reconhecimento é de fundamental importância para que o sofrimento no trabalho ganhe sentido e possa se transformar em prazer.

Além disso, este é um aspecto bastante encontrado nos estudos da área e em diferentes situações. Sobre isso, têm-se os estudos de Assis e Macedo (2008) e de Gomes e Oliveira (2013), sobre componentes de uma banda de blues e agentes de limpeza pública, respectivamente. Além desses, pode-se citar também o estudo de Kessler e Krug (2012), com trabalhadores de enfermagem, o que mostra o quão diversificado são as áreas em que esse código é presente. Para o caso do presente estudo, o não reconhecimento está atrelado à cobrança da própria família, desvalorizando a atividade, como é descrito no seguinte trecho:

“[...] minha família não entendia tão bem [...] o sentido da pós-graduação [...] uma família humilde [...] então assim [...] difícil de você explicar qual era o sentido disso e fica sempre aquela cobrança: ah, não vai trabalhar não? Vai ficar só estudando?” [D1]

Esse fator também foi constatado por Bispo e Helal (2013), que relatam a incompreensão em relação à importância do mestrado. Já sobre os principais códigos apontados no prazer, destaca-se o relacionamento interpessoal no trabalho, que no presente estudo apresentou um aspecto um pouco diferente dos encontrados em outros trabalhos. Assim, em estudos como o de Gomes e Oliveira (2013) e Bispo e Helal (2013), este aspecto apareceu ligado à cooperação e solidariedade entre os colegas. Apesar dessa ligação também ter sido apontada no presente estudo, a grande parte das citações neste aspecto se deram em razão da relação estudante e orientador. Neste sentido, relações de amizade fora do ambiente de trabalho e até mesmo familiar foram citadas, como pode ser observado no seguinte trecho:

“A minha relação com meu orientador é boa. Eu tenho uma relação tanto acadêmica quanto de amizade com ele [...] de ir na casa dele, de sair com ele, tomar cerveja junto [...] risos” [D1]

“Minha relação com meu orientador é uma relação de pai para filho” [D2]

Este resultado se mostra de grande importância, pois segundo Dejours (1999), trabalhar não é apenas exercer atividades produtivas, mas também conviver. Neste mesmo sentido, destaca-se também o código de Identificação com o trabalho, que geralmente está mais relacionado ao gostar da sua atividade, como apontado nos estudos de Assis e Macedo (2008), Tschiedel e Monteiro (2013) e de Gomes e Oliveira (2013). Este aspecto está claramente apresentado no seguinte trecho:

“Quando eu estou lá, de madrugada, lendo e tal, não é por uma coisa que eu não goste. Se eu não gostasse, eu não estava fazendo! Se eu não gostasse eu estaria dormindo que seria muito mais legal do que estar lá. [...] eu tô fazendo alguma coisa que eu gosto, que eu almejo, que eu tenho um objetivo, um ideal [...] [D2]

Finalmente, cabe destacar também os dois códigos que emergiram neste estudo, quais sejam: dificuldade financeira (sofrimento) e crescimento intelectual (prazer). Sobre o primeiro, tem-se que geralmente ele está atrelado ao prazer (como recompensa financeira), como reportado no estudo de Tschiedel e Monteiro (2013), mas, para o caso desse estudo, ele revelou-se como um fator de sofrimento. Neste caso, ele foi relacionado à situação de desemprego e de falta de bolsa de pós-graduação, o que interferia na realização das tarefas. Já o código de crescimento intelectual foi citado em relação ao próprio amadurecimento intelectual resultante da sua atividade, o seu crescimento ao longo do percurso, como descrito no trecho a seguir:

“[...] é prazeroso quando você chega no final do percurso e [...] vê o que conseguiu realizar e que você mudou bastante, amadureceu, aprendeu no meio do percurso” [M2]

Feita essa análise holística dos dados, com exemplificações e citações de trabalhos da área, a seção 4.2 tratará especificamente das diferenças e semelhanças entre as duas categorias de estudantes investigadas.

4.2 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE MESTRANDOS E DOUTORANDOS

No que tange a análise comparativa, foram elaboradas duas figuras, que apresentam quais categorias e códigos de prazer e sofrimento foram mencionadas pelos mestrandos e doutorandos (por motivos de resolução e de tamanho, as imagens foram disponibilizadas pelos autores no seguinte *link*: <https://goo.gl/iAIR6A>). Vale destacar que os códigos citados e marcados na cor azul, emergiram dos dados da pesquisa e o tamanho vertical das caixas dos códigos está diretamente proporcional ao número (frequência) de citações dos entrevistados.

Logo, conforme exposto nas imagens supracitadas, percebe-se que os mestrandos citaram, ao todo, cinco códigos relacionados ao sofrimento, sendo o sentimento de desprazer o mais frequente, e seis códigos relacionados ao prazer, sendo o crescimento profissional o de maior destaque. Resultado similar ocorreu com os doutorandos, que citaram ao todo sete códigos relacionados ao sofrimento, sendo o sentimento de desprazer o mais frequente, e seis códigos relacionados ao prazer, sendo o relacionamento interpessoal no trabalho o mais frequente.

Com base no exposto, percebe-se que os doutorandos apontaram uma maior diversidade de situações de sofrimento em sua atividade (mais códigos citados) e apontaram o

Oliveira (2013) e Kessler e Krug (2012), foram as mais citadas em relação ao sofrimento. Em relação ao prazer, os códigos de reconhecimento do trabalho, relacionamento interpessoal no trabalho, em consonância com os estudos de Gomes e Oliveira (2013) e Bispo e Helal (2013), e de identificação com o trabalho, em consonância com os estudos de Assis e Macedo (2008), Tschiedel e Monteiro (2013) e Gomes e Oliveira (2013), foram os mais citados.

Neste sentido, os códigos de sofrimento estavam ligados à realização de tarefas que não eram de sua área, estudar em feriados e finais de semana, distanciamento da família, medo, realização de muitas tarefas simultaneamente e o não reconhecimento, atrelado à cobrança da própria família. Já os códigos de prazer estavam ligados à cooperação e solidariedade entre os colegas, relação com o orientador e gostar da sua atividade.

Além disso, cabe destacar que dois códigos emergiram neste estudo, quais sejam: dificuldade financeira (sofrimento) e crescimento intelectual (prazer). Sobre o primeiro código, tem-se que ele apresentou resultado diferente da literatura, em que está atrelado ao prazer (como recompensa financeira), como mostra o estudo de Tschiedel e Monteiro (2013), mas, para o caso desse estudo, ele revelou-se como um fator de sofrimento relacionado à situação de desemprego e de falta de bolsa de pós-graduação. O código de crescimento intelectual foi citado em relação ao próprio amadurecimento intelectual.

Em relação à comparação específica entre mestrandos e doutorandos, principal objetivo do trabalho, observou-se que os mestrandos apontaram o sentimento de desprazer como principal fonte de sofrimento e o crescimento profissional como principal fonte de prazer. Os doutorandos, por sua vez, também apontaram o sentimento de desprazer como principal fonte de sofrimento, e o relacionamento interpessoal no trabalho como principal fonte de prazer.

Sobre isso, os mestrandos apontaram que a principal estratégia utilizada para lidar com o sofrimento é a própria ambição de futuro, vislumbrada a partir do título que sua atividade irá lhe proporcionar, enquanto que os doutorandos apontaram o relacionamento interpessoal com seus colegas e com seus orientadores como a melhor estratégia para lidar com essas situações. Estes resultados puderam ser compreendidos à medida que os doutorandos geralmente já possuem um vínculo formado com seus colegas e orientadores advindos do mestrado.

Além dessas análises, também percebeu-se, a partir das nuvens de palavras, que os mestrandos citaram mais as palavras “orientador” e “graduação”, palavras ligadas ao choque de realidade vivido por eles, tanto em relação à diferença de cobrança e exigência do mestrado em relação à graduação como do orientador. As palavras “diploma” e “ganhar” também foram bem citadas por representarem a principal motivação para realização do mestrado.

Já os doutorandos citaram mais a palavra “trabalho”, fato explicado pelo acúmulo de funções do seu doutorado com outras atividades. Isto também justifica o porquê dos doutorandos citarem palavras como “disciplinas” e “artigo” também de forma expressiva, tendo em vista a dificuldade da realização de suas atividades da pós-graduação e de suas outras funções. Outras palavras como “pessoas”, “colegas” e “orientador” também apresentaram certo destaque, tendo em vista que a amizade e coleguismo é a principal estratégia utilizada por estes contra o sofrimento.

Para continuidade deste trabalho, sugere-se que pesquisadores interessados nessa linha tratem a seguinte problemática: (a) estudo comparando os tipos de pós-graduação: *lato sensu* e *stricto sensu*. Finalmente, espera-se que as contribuições deste estudo possam ser de utilidade para outros pesquisadores que desejem compreender a dialética do prazer e sofrimento na área de pós-graduação, área em que se observam poucos artigos científicos.

REFERÊNCIAS

- ANTLOGA, C. S.; MENDES, A. M. Sofrimento e adoecimento dos vendedores de uma empresa de material de construção. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 255-262, 2009.
- ASSIS, D. T. F.; MACEDO, K. B. Psicodinâmica do Trabalho dos músicos de uma banda de blues. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 117-124, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BISPO, A. C. K. A.; HELAL, D. H. A dialética do prazer e sofrimento de acadêmicos: Um estudo com mestrandos em administração. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, n. 4, p. 121-136, 2013.
- BOTTEGA, C. G.; MERLO, Á. R. C. Prazer e sofrimento no trabalho dos educadores sociais com adolescentes em situação de rua. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, v. 13, n. 2, p. 259-275, 2010.
- BRANT, L. C.; MINAYO-GOMEZ, C. A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. 213-223, 2004.
- DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Production**, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.
- FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. "Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor": atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 6, n. 1, p. 93-104, 2001.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIBBS, Graham. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GOMES, C. C.; OLIVEIRA, R. S. Agentes de limpeza pública: um estudo sobre a relação prazer/ sofrimento no ambiente laboral. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 33, n. especial, p. 138-153, 2013.
- HYPESCIENCE. **Website Hypescience**. 2008. Disponível em: <<http://hypescience.com/bolsas-de-estudos-tudo-o-que-voce-precisa-saber/>> Acesso em: 10 set 2014.
- KESSLER, A. I.; KRUG, S. B. F. Do prazer ao sofrimento no trabalho da enfermagem: o discurso dos trabalhadores. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, n. 1, p. 49-55, 2012.
- LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 6, p. 79-90, 2003.

- LOUZADA, R. C. R.; SILVA FILHO, JF da. Formação do pesquisador e sofrimento mental: um estudo de caso. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 451-461, 2005.
- MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing**: uma orientação aplicada. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- MARTINS, J. T.; ROBAZZI, M. L. C. C.; BOBROFF, M. C. C. Prazer e sofrimento no trabalho da equipe de enfermagem: reflexão à luz da psicodinâmica Dejouriana. **Revista da escola de enfermagem da USP**, v. 44, n. 4, p. 1107-1111, 2010.
- MENDES, A. M.; TAMAYO, A. Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. **Psicologia USF**, v. 6, n. 1, p. 39-46, 2001.
- MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 141-156, 2009.
- MERRIAM, S. B. **Qualitative research in practice**: examples for discussion and analysis. São Francisco: Jossey-Bass, 2002.
- MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis: An expanded sourcebook**. 2 ed. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- PRADO FILHO, K.; MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 14-19, 2007.
- PHD COMICS. **Website do Phd Comics**. 2014. Disponível em: <<http://phdcomics.com/comics.php>> Acesso em: 10 set. 2014.
- RAMMINGER, T.; NARDI, H.C. Subjectivity and work: some conceptual contributions from Michel Foucault. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 25, p. 339-46, 2008.
- RIBEIRO, C. V. S.; LÉDA, D. B. O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, v. 4, n. 2, p. 76-83, 2004.
- SANTOS JÚNIOR, A. V.; MENDES, A. M.; ARAUJO, L. K. R.. Experiência em clínica do trabalho com bancários adoecidos por Ler/ Dort. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 3, p. 614-625, 2009.
- SILVA, F. G. O professor e a educação: entre o prazer, o sofrimento e o adoecimento. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 124, p. 57-66, 2011.
- SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 23, n. 1, p. 11-30, 2011.
- SOUZA, K. M. O.; FERREIRA, S. D. Assistência humanizada em UTI neonatal: os sentidos e as limitações identificadas pelos profissionais de saúde. **Ciência & saúde coletiva**, v. 15, n. 2, p. 471-480, 2010.

SOUZA, E. C.; FIGUEIREDO RIBEIRO, D. Trabalho e Subjetividade: A carto(foto)grafia como método investigativo da subjetividade de trabalhadores provenientes do setor calçadista. In.: Encontro Nacional da ABRAPSO – ENABRAPSO. 15. 2009, Maceió. *Anais...*Maceió: ABRAPSO, 2009.

TORRES, C. C.; ABRAHÃO, J. I. A atividade de teleatendimento: uma análise das fontes de prazer e sofrimento no trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 31, n. 114, p. 113-124, 2006.

TSCHIEDEL, R. M.; MONTEIRO, J. K. Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 527-535, 2013.

VERONESE, M. V. Subjetividade, trabalho e economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 153-167, 2009.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.